

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS RELAÇÕES ENTRE FICÇÃO E REALIDADE NO CONTEXTO DAS SAGAS ISLANDESAS

ISABELLE MARIA SOARES (DOUTORANDA)  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
Curitiba, Paraná, Brasil  
(isamariaes@gmail.com)

RESUMO: Este artigo reúne algumas perspectivas de pesquisadores que discutem o relacionamento entre ficção e realidade no contexto de produção das sagas islandesas, o que converge para os debates sobre a representação da realidade histórica nas sagas e o uso desses textos enquanto fontes primárias pela historiografia. A partir disso, também se propõe a uma breve reflexão acerca da saga enquanto ficção literária e suas possíveis aproximações com o *romance* e o *novel*. Para tanto, inicia-se com uma contextualização das sagas que apresenta sua divisão tradicional em subgêneros. O objetivo do presente artigo é, portanto, delinear um panorama dos debates já existentes que contemplem o argumento das sagas em diálogo com a ficção, a realidade e a historiografia para, por fim, expor a importância de entender as sagas enquanto objeto que merece mais atenção dos Estudos Literários.

Palavras-chave: Sagas islandesas. Ficção. Realidade histórica.

Artigo recebido em: 13 jul. 2021.  
Aceito em: 15 ago. 2021.

## SOME CONSIDERATIONS ABOUT THE RELATIONSHIP BETWEEN FICTION AND REALITY IN THE CONTEXT OF ICELANDIC SAGAS

**ABSTRACT:** This article presents some perspectives by researchers that discuss the relationship between fiction and reality in the context of the production of Icelandic sagas, which converges with the debates about the representation of historical reality in the sagas and the use of these texts as primary sources for historiography. In this way, a brief reflection is also proposed on the saga as literary fiction and its possible convergence with the romance and the novel. For this purpose, the article begins with a contextualization of sagas that presents their traditional division in subgenres. Therefore, the objective of this article is to outline an overview of the existing debates that consider the argument of sagas in dialogue with fiction, reality, and historiography to expose the importance of understanding the saga as an object that deserves more attention in Literary Studies.

**Keywords:** Icelandic Sagas. Fiction. Historical reality.

### SOBRE AS SAGAS

As sagas islandesas foram escritas entre os séculos XII e XIV, logo após a cristianização da Islândia, ilha que foi colonizada entre 874 a 930 d.C. pelos escandinavos noruegueses. A conversão dos habitantes dessa ilha ao cristianismo, entre o final do século X e o começo do século XI, trouxe a prática da escrita latina aos escandinavos islandeses, possibilitando a criação de sua literatura escrita. O alfabeto latino introduzido pelos cristãos “modificou essencialmente a natureza da comunicação que ali existia: as leis e as narrativas passaram a ser escritas e não mais somente transmitidas pela oralidade” (CAMPOS, 2019, p. 31).

A saga é um gênero que se destaca por ser totalmente diferente do que era produzido no restante da Europa medieval. Preservadas em diferentes manuscritos, essas narrativas em prosa foram escritas em *parchment*<sup>1</sup> na

---

<sup>1</sup> Material feito de pele de animais e que era utilizado como superfície para registros escritos no período medieval.

Islândia a partir do século XII, período em que os islandeses, já cristianizados, passaram a aprender e apreciar a escrita latina e aplicaram esse novo conhecimento para preservar suas histórias em sua própria língua nativa, o *Old Norse*. As versões das sagas que chegam até nós nos dias de hoje, tanto em língua vernácula quanto nas versões traduzidas para o inglês e outros idiomas, foram editadas, por vezes adaptadas, a partir da organização e interpretação de diferentes versões disponíveis nos inúmeros manuscritos preservados por toda a Islândia.

Os textos desse gênero, cujo nome estaria ligado ao verbo *segja* em *Old Norse*, que significa “dizer”, narram “as aventuras e desventuras de uma só pessoa ou de um grupo” (CAMPOS, 2019, p. 29) e englobam não só elementos da história e da memória cultural do passado dos islandeses, mas também referências a outras literaturas europeias, como é o caso de *Trójumanna saga* (A saga do homem de Troia). Alexander Bugge (1909), em uma palestra sobre a origem e a credibilidade das sagas, proferida em 1908, elencou as condições que acredita serem responsáveis pela criação da arte que é própria das sagas islandesas:

[...] a vida pacífica daquela ilha longínqua no meio do oceano, longe dos acontecimentos que alteram o curso da história; lembrança dos antepassados que lutaram na Grã-Bretanha e na Irlanda e que foram grandes chefes na Noruega; o dever do chefe de conhecer sua linhagem ancestral; a prosperidade relativamente grandiosa ainda prevalecente após os tempos *Vikings*, mas posteriormente compensada por dificuldades econômicas; as longas noites de inverno no salão do líder ou as noites leves de verão no Althing. (BUGGE, 1909, p. 261, tradução nossa)<sup>2</sup>

Luciana de Campos (2019) coloca que, provavelmente, pelo menos no início do século XII, os autores das sagas levavam em consideração o que já era transmitido oralmente para uma audiência que não dominava a escrita e a leitura, a qual era formada por pessoas que provavelmente já conheciam as histórias ali narradas ou que “já tinham ouvido comentários dos feitos das

---

<sup>2</sup> [...] the peaceful life on that distant island in the midst of the ocean, far from the happenings which alter the course of history; remembrance of the forefathers who fought in Britain and Ireland and who were great chieftains in Norway; the duty of the chieftain to know his ancestral lineage; the relatively great prosperity still prevailing after Viking times, but subsequently offset by economic distress; the long winter evenings in the chieftain's hall or the light summer nights at the Althing. (BUGGE, 1909, p. 261)

personagens que eram narrados, pois estes, tratavam de indivíduos ou grupos conhecidos dessa comunidade” (CAMPOS, 2019, p. 30). Recitadas em público ou transmitidas oralmente entre as famílias de geração para geração, as sagas seriam “baseadas em histórias sobre diversos acontecimentos históricos ou intrahistóricos” (CAMPOS, 2019, p. 31).

Entretanto, Campos menciona que há pesquisadores, como Torfi Tullinius e Margaret Ross, que defendem que as sagas não são fundamentalmente provenientes de uma tradição oral, mas sim, composições escritas criadas a partir do “conhecimento de quem as escreveu tanto dos textos historiográficos como da poesia escáldica” (CAMPOS, 2019, p. 31). A discussão que envolve a oralidade e a escrita na composição das sagas é bastante complexa, mas independente do que defende cada pesquisador, há um consenso sobre a questão da origem das sagas: é um gênero “fundamentalmente escrito e apenas a sua base é oral” (CAMPOS, 2019, p. 35). Em outras palavras, as sagas nascem “da oralidade, mas crescem e amadurecem enquanto gênero literário na escrita” (CAMPOS, 2018, p. 35).

Esse gênero único, que apresenta predominantemente “uma narrativa factual, objetiva e rápida” (LANGER, 2009, p. 2), abrange em si diferentes grupos. As sagas são geralmente categorizadas em referenciais temáticos: sagas de família (*íslendingasögur*), sagas lendárias (*fornaldarsögur*), sagas contemporâneas (*samtíðarsögur*), sagas de reis (*konungasögur*), sagas cavaleirescas (*riddarasögur*) e saga dos bispos (*biskupasögur*).

As sagas são muito estudadas por historiadores, os quais pesquisam os mais diversos temas, como religião e costumes dos antigos povos escandinavos, concentrando-se não apenas no tempo em que esses textos foram escritos, mas também, no período em que supostamente aconteceram as histórias narradas. Tendo isso em vista, tanto as sagas em si quanto os estudos sobre elas possibilitam discussões acerca da relação que tais textos possuem com a realidade histórica. A partir disso, consideramos importante descrever as principais características de cada subgênero das sagas, haja vista que este artigo objetiva delinear algumas ideias acerca das relações entre ficção e realidade histórica em torno das sagas islandesas.

Portanto, com base em Langer (2009, p. 3-5) e Campos (2019, p. 35-46), apresentamos a breve descrição a seguir:

**Sagas de reis** (*konungasögur*): Escritas a partir do século XII, tanto na Islândia quanto na Noruega, essas sagas possuem muitos aspectos comuns com as sagas de família e biografias reais latinas da Europa. Não muito populares, essas narrativas, que descreviam as biografias dos reis da Noruega

entre os séculos IX e XIII, apresentavam conteúdo semi-histórico e semi-lendário, haja vista que incluíam personagens e eventos históricos reais mas também elementos sobrenaturais ou do passado pagão.

**Sagas contemporâneas** (*samtíðarsögur*): Escritas entre os séculos XII e XIII, podem ser consideradas como uma forma de “crônica histórica da Islândia”, haja vista que os eventos narrados ocorreram no período em que foram compostas. Assim como as sagas de família, eram narradas como se fossem a própria história do passado, sendo recebidas pelo público da época como verossímeis e reais. Provavelmente, as sagas contemporâneas foram escritas por pessoas que vivenciaram a luta pelo poder interno que terminou com a perda da soberania da Islândia e submissão à Noruega. Por isso, essas sagas são consideradas mais como narrativas históricas que foram “literarizadas” do que ficção pura. Há eventual presença de elementos sobrenaturais, mas geralmente em forma de sonhos e visões.

**Sagas lendárias** (*fornaldarsögur*): Escritas no século XIII, apresentam ações ocorridas na Escandinávia em uma época anterior à colonização islandesa (que se iniciou em 870), trazendo, geralmente, personagens noruegueses. Entretanto, os espaços em que esses eventos ocorrem nas sagas são geralmente descritos como remotos, dando a entender que são lugares distantes do mundo real. Por apresentarem temas fantásticos, sobrenaturais, mitológicos e folclóricos, incluindo monstros, seres imaginários, localidades fictícias e reais, as sagas lendárias refletem motivos sócio-históricos da Escandinávia por meio de perspectivas e referencial fantásticos.

**Sagas de bispos** (*biskupasögur*): Escritas a partir do século XIII, relatam as histórias dos homens que regeram as sedes episcopais da Islândia entre os séculos XI e XIV. Possuem um estilo um tanto quanto artificial, se comparadas aos outros tipos de sagas, possivelmente devido à influência de textos eclesiásticos e hagiográficos latinos que já circulavam na Islândia no momento da composição dessas sagas. Não tão populares como as sagas de família ou as lendárias, essas narrativas sobre a vida dos bispos e seus milagres podem ter sua origem em histórias orais que circulavam sobre os bispos logo após a sua morte.

**Sagas cavaleirescas** (*riddarasögur*): Traduzidas e adaptadas de romances de cavalaria e corte da França e Inglaterra e outras obras latinas, as sagas cavaleirescas foram escritas entre os séculos XIII e XIV. Não se relacionam

diretamente com a história política e socioeconômica da Escandinávia. A grande motivação em traduzir e incluir a literatura de cavalaria nas sagas foi integrar a Escandinávia ao restante da Europa ao mostrar que a literatura que produziam adequava-se aos padrões de composição literária europeus.

**Sagas de família** (*íslendingasögur*): Também conhecidas por “Sagas de Islandeses”, foram compostas entre os séculos XIII e XV (em manuscritos em *parchment*). Essas histórias também foram preservadas em manuscritos tardios, em papel, produzidos entre os séculos XVI e XVII. São narrativas históricas de tom objetivo, formal e descritivo, cuja ação narrativa se passa entre os séculos X e XI. As ações descritas nas narrativas geralmente aconteciam nas Ilhas Britânicas e na Escandinávia. Consideradas como miniversões da grande história da nação islandesa, eram recebidas pelo público da época como verossímeis e reais: eram narradas como se fossem a própria história do passado. Os principais assuntos e temas tratados nessas sagas eram as histórias de gerações de famílias específicas que se instalaram em determinadas regiões da Islândia, as descrições de disputas e processos judiciais entre famílias rivais, as biografias de poetas e foras-da-lei islandeses e as genealogias de ancestrais das famílias islandesas que cruzaram o mar. Há presença do sobrenatural, mas de forma eventual e secundária.

#### FICÇÃO E REALIDADE HISTÓRICA: AS SAGAS E A HISTORIOGRAFIA

Campos (2018) coloca que “nos textos medievais, as Sagas são definidas como a narração da História, pois em suas linhas são encontrados nomes de personagens e fatos históricos” (p. 29). Entretanto, a pesquisadora explica que não podemos nos basear nessa assertiva, haja vista que a saga é um gênero muito mais complexo.

Johnni Langer, um dos maiores pesquisadores brasileiros da escandinavística, em seu artigo “História e sociedade nas sagas islandesas: perspectivas metodológicas” (2009), defende que as sagas islandesas “podem efetivamente servir como fonte histórica para o historiador, pois refletem a sociedade de sua época, sendo um “sujeito cultural” que possui o papel (inconsciente ou não) de transmitir informações sobre sua geração” (2009, p. 11). Contudo, Langer chama a atenção para o fato de que os pesquisadores devem estar conscientes no momento da escolha do tipo de abordagem que pretendem utilizar em seus estudos, haja vista que no momento da produção desses textos medievais não existia “uma distinção clara entre história e ficção

SOARES, Isabelle Maria. Algumas considerações acerca das relações entre ficção e realidade no contexto das sagas islandesas. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 2 (2021), p. 278-294.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 21 out. 2021.

no sentido moderno” (LANGER, 2009, p. 11). Nessa perspectiva, a dicotomia “história *versus* ficção” não tem mais tanto espaço nas tendências de pesquisa atuais, as quais têm buscado cada vez mais “o estudo dos valores sociais, os temas, as tendências, os padrões, as estruturas e as contradições nos textos” (LANGER, 2009, p. 6).

As sagas de família, por exemplo, são estudadas não apenas por suas qualidades literárias, mas como Margaret Cormack (2007) coloca, por apresentarem eventos que providenciam qualidades “antropológicas”. Entretanto, segundo a autora, há um consenso atual que considera que essas sagas compreendem a estrutura e os processos sociais da Islândia dos séculos XII e XIII, em que foram compostas, ao invés dos séculos IX e XI, que são o pano de fundo de suas narrativas. Nesse sentido, Cormack questiona os pesquisadores interessados no que as sagas têm a dizer sobre sociedade e ideologia, se usariam as peças teatrais de Shakespeare como fontes primárias que descrevem fielmente a realidade ideológica e social do século XIV ou do século XVI.

Para aprofundar seu questionamento, no artigo “*Fact and fiction in the Icelandic Sagas*” (2007), Cormack analisa as duas sagas que tratam da *Vínland* – ou das possíveis viagens dos escandinavos para a América do Norte –, a *Grænlendinga saga* (GS) e *Eiríks saga rauða* (ES), duas sagas de família, pois muitos historiadores têm se debruçado sobre elas na tentativa de constituir uma história coerente do período e das personagens envolvidas. Tais sagas sobreviveram apenas como cópias, sendo a *Grænlendinga saga* preservada no manuscrito *Flateyjarbók*, onde se divide em três partes intercaladas com a *Óláfs saga Tryggvasonar*. Já a *Eiríks saga rauða* é encontrada em dois manuscritos: o *Hauksbók* e o *Skálholtsbók*. Mesmo que ambas as sagas narrem as expedições escandinavas empreendidas para a América do Norte, elencando um grupo similar de personagens, elas diferem de várias formas, como descreve Cormack:

Na GS, o continente é visto pela primeira vez por Bjarni Herjólfsson, que não é mencionado na ES. (Em ambas as sagas, Leifr Eiríksson é o primeiro a pisar lá.) Enquanto Guðríðr Þorbjarnardóttir é uma personagem proeminente em ambas, identificada como ancestral de três bispos, na GS ela termina sua vida [na fazenda] Glaumbær, em Skagafjörðr (após uma peregrinação a Roma) enquanto no ES ela se retira para Reynisnes, onde um convento seria fundado em 1295. Freydís, a irmã de Leifr Eiríksson, é apresentada de forma bem diferente nas duas sagas: na ES, ela acompanha o marido através do mar e, grávida, espanta os nativos americanos que atacam os recém-chegados. Na GS, ela mesma

organiza uma expedição e primeiro engana seus parceiros, depois planeja suas mortes e, quando seus companheiros se recusam a fazê-lo, mata suas esposas. (CORMACK, 2007, p. 210, tradução nossa)<sup>3</sup>

Um dos principais temas estudados por historiadores por meio das sagas refere-se à religiosidade e ao folclore escandinavo pré-cristão, presentes principalmente nas sagas lendárias. Contudo, assim como fez Cormack (2007), é preciso refletir até que ponto o paganismo representado nas sagas é uma memória genuína ou se foi uma projeção remodelada pelo cristianismo. E o mesmo questionamento deve ser feito acerca das sagas que trabalham com temáticas genuinamente cristãs, como as que se enquadram na categoria de sagas de bispos.

Pernille Hermann (2006), em seu artigo “*The Icelandic Sagas and the Real: Realism in Þorláks saga*”, propõe uma breve discussão acerca do estatuto realista das sagas por meio da leitura de uma saga de bispos, *Þorláks saga*, que é reconhecida por sua aparente fidelidade histórica. Por narrar a história do primeiro santo islandês, Þorlákr Þorhallsson, essa saga possui um aspecto hagiográfico, que a incluiria não apenas na tradição literária islandesa, mas também no gênero das hagiografias medievais do mundo cristão. Hermann (2006) sugere, portanto, que, para compreender o estatuto realista da *Þorláks saga*, é preciso entendê-la justamente pelo seu aspecto hagiográfico, considerando que essa narrativa representa eventos históricos não apenas por um viés social e político, mas também espiritual. Em outras palavras, nas hagiografias, de modo geral, as realidades sociopolítica e espiritual se misturam. Dessa forma, “no contexto da realidade espiritual sustentada pela tradição, os elementos sobrenaturais [...] são consideravelmente ‘realistas’, no sentido de serem verdadeiras representações de uma realidade espiritual” (HERMANN, 2006, p. 376, tradução nossa)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> In GS the continent is first spotted by Bjarni Herjólfsson, who is not mentioned in ES. (In both sagas, Leifr Eiríksson is the first to set foot there.) While Guðríðr Þorbjarnardóttir is a prominent character in both of them, identified as ancestress of three bishops, in GS she ends her life at Glaumbær in Skagafjörður (after a pilgrimage to Rome) while in ES she retires to Reynisnes, where a convent would be founded in 1295. Freydís, the sister of Leifr Eiríksson, is presented quite differently in the two sagas: in ES she accompanies her husband across the sea and, heavily pregnant, scares off Native Americans who attack the new arrivals. In GS she herself organizes an expedition and first cheats her partners, then contrives their murder and, when her male companions refuse to do so, kills their wives. (CORMACK, 2007, p. 210)

<sup>4</sup> “[...] in the context of the spiritual reality upheld by the tradition, the supernatural elements [...] are considerable ‘realistic’, in the sense of being true representations of a spiritual reality”. (HERMANN, 2006, p. 376)

A partir dessa colocação, Hermann (2006) expõe que um texto realista não deve ser considerado automaticamente como verdadeiro, no sentido de que corresponde fielmente aos eventos reais, mas, simplesmente como um texto literário que apresenta seu conteúdo utilizando um modo realista de representação. Em estudos sobre as sagas islandesas, é perceptível que a dicotomia realista *versus* fantástico é algumas vezes relacionada com a dicotomia história *versus* ficção. O perigo de entender as relações entre literatura e realidade dessa forma binária está justamente em deduzir a veracidade histórica apenas a partir de aspectos literários realistas. Dessa forma, Hermann conclui que a *Þorláks saga* não é realista no sentido de uma representação verdadeira e fiel à realidade. O realismo dessa saga se encontra “como um modo de representação que incide sobre uma realidade bem conhecida, e o reconhecimento disso, ao contar a história de Þorlákr Þorhallsson” (HERMANN, 2006, p. 378, tradução nossa)<sup>5</sup>.

As sagas são, nesse sentido, uma forma artística que reverbera a memória cultural da sociedade islandesa medieval. Margaret Ross (2002) pontua que as pesquisas atuais têm se voltado para os vários mecanismos textuais pelos quais os islandeses da Idade Média que, ao dialogar com seu tempo presente e seu passado, construíram uma interpretação do passado e “compuseram para si uma narrativa de eventos, locais, pessoas e relacionamentos que satisfizeram seus desejo de escrever uma história para si próprios, tanto nacional, familiar e pessoal” (p. 443, tradução nossa)<sup>6</sup>. Em complemento, a pesquisadora defende que, de fato, a existência de detalhes realistas nos cenários ou ações narrativas das sagas não precisa ofuscar sua natureza ficcional ou impedir o leitor e pesquisador de apreciar as características que identificam essa qualidade.

Positivamente, os estudos sobre as sagas vêm mudando de atitude, haja vista que antes os pesquisadores buscavam classificar as sagas ou como história ou como ficção. Ross (2002) observa que, nos últimos anos, muitos pesquisadores têm trabalhado com uma abordagem que “permite que os dois impulsos criativos, histórico e ficcional, coexistam em qualquer texto em uma relação variável, tanto dentro de um mesmo texto como entre textos” (p. 444,

---

<sup>5</sup> “[...] as a mode of representation which focuses upon a well known reality, and the recognition of this, in telling the story of Þorlákr Þorhallsson”. (HERMANN, 2006, p. 378)

<sup>6</sup> “[...] composed for themselves a narrative of events, locations, persons, and relationships that satisfied their desire to write a history for themselves, both national, familial, and personal”. (ROSS, 2002, p. 443)

tradução nossa)<sup>7</sup>. E para fundamentar que o estatuto da história e ficção nas sagas opera nas duas direções, Ross (2002) reafirma, com base em Preben Meulengracht Sørensen, que as sagas não são apenas influenciadas por um passado histórico, mas são influenciáveis à medida que modelam a história em um processo em que as pessoas tornam essas narrativas parte significativa de seu presente.

Mesmo havendo essa discussão acerca de seu estatuto enquanto ficção e sua conveniência para a historiografia, as sagas parecem ser mais valorizadas por seu valor histórico ou como histórias de ficção que remontam a um passado medieval, do que por sua essência artística. Não podemos nos esquecer de que as sagas são obras de arte, pois independente de terem suas tramas baseadas em eventos históricos reais, as sagas “são antes de tudo, obras de ficção” (CAMPOS, 2019, p. 31).

#### SAGA, ROMANCE E NOVEL

Em uma tentativa de redescobrir a ficção, Catherine Gallagher (2009) delinea sua historicidade, que vai do *romance* ao *novel*. Como não utilizamos esses termos no contexto literário brasileiro, nem mesmo como equivalentes aos falsos cognatos “romance” e “novela”, justificamos a aplicação dos termos em itálico, por serem palavras estrangeiras, e propomos uma breve definição para cada um deles. O *romance* se caracterizaria por apresentar uma narrativa fantástica, facilmente identificável pelos leitores como uma história não verdadeira, e por conseguinte, ficcional. O *novel* trouxe aos seus primeiros leitores narrativas com teor realista, fazendo-os desconfiar do seu estatuto de ficção. Nas palavras de Gallagher, por pelo menos dois séculos o *novel* “tendeu a mascarar a própria ficcionalidade com a verossimilhança e o realismo” (2009, p. 630). Ou seja, “o *novel* que ao mesmo tempo descobriu ocultou a ficção” (2009, p. 631).

A história do termo “ficção” conversa com a história do próprio *novel*. Antes dos textos realistas, os *romances*, ou as obras de fantasia, “só podiam ser diferenciadas da mentira quando eram explicitamente inverossímeis” (GALLAGHER, 2009, p. 631). Portanto, esperava-se que uma ficção honesta não fosse explicitamente credível. Quando surgem os primeiros *novels*, no século XVII e no início do XVIII, suas narrativas em prosa apresentadas de

---

<sup>7</sup> “[...] allows the two creative impulses, historical and fictional, to coexist in any text in a variable, relationship, both within a single text and between texts”. (ROSS, 2002, p. 444)

forma mais realista e crível “eram lidas ou como relatos reais ou como reflexões alegóricas sobre pessoas ou eventos da contemporaneidade” (GALLAGHER, 2009, 632). A escrita realista, característica dos *novels*, parecia persuadir o leitor de que apresentava um reflexo preciso de eventos, de relações humanas e de fenômenos naturais como realmente aconteceram (ROSS, 2002).

Nesse sentido, “a aceitação geral da verossimilhança como forma de verdade, antes que de fraude, está na origem do conceito de ficção e, ao mesmo tempo, na do romance [*novele*] como gênero literário” (GALLAGHER, 2009, p. 634). O distanciamento da fantasia promovido pelo novo gênero possibilitou o surgimento da ficção enquanto forma que se caracterizaria por não ser nem verdade e nem mentira.

E o que acontece se tentarmos contextualizar a ficção dentro do contexto da literatura islandesa medieval, especificamente em relação às sagas? No século XII, na Islândia medieval, surgiu esse gênero literário único, cujo fato de ser escrito em prosa era o maior diferencial perante a literatura em verso que era produzida no restante da Europa. Com os olhos de leitores modernos, até poderíamos enquadrar o aparecimento da ficção nesse contexto medieval. Entretanto, devemos considerar questões que vão desde a recepção do público da época, que, possivelmente entendia essas narrativas como relatos de coisas que realmente aconteceram, mesmo quando misturadas com elementos fantásticos e sobrenaturais, até a recepção dos historiadores nos dias atuais.

Como vimos, há a categorização das sagas islandesas em subgêneros, os quais poderíamos aproximar ora do *romance* ora do *novel*. Conseguimos perceber uma certa transposição desses gêneros dentro das próprias sagas. Estilisticamente, as sagas são, em sua generalidade, mais parecidas com os *novels* modernos, por serem estruturadas em prosa e apresentaram uma trama com base, em grande parte, em eventos históricos e reais. Entretanto, há as sagas que trabalham mais com o fantástico e o sobrenatural, e outras, como vimos, traduzem o *romance* cortês que era produzido no continente europeu medieval. Inclusive, em inglês, existe o termo “*Icelandic romance-sagas*” como equivalente às sagas cavaleirescas.

Entretanto, como o estudioso Joseph Harris salienta em seu texto *Saga as Historical Novel* (1986), seria anti-histórico aplicar termos como *romance* e *novel* para as sagas islandesas. Por isso, nos detemos em apenas aproximar esses gêneros historicamente distantes das sagas, no sentido de identificar algumas semelhanças contextuais.

Por exemplo, poderíamos aproximar as sagas lendárias dos *romances* e as sagas contemporâneas dos *novels*. Pernille Hermann (2006) aborda a diferença entre esses dois subgêneros considerando o público da época em que foram escritos. De acordo com a pesquisadora, uma das premissas para considerar as sagas contemporâneas como mais realistas e fiéis à história seria que a audiência contemporânea dessas sagas, que possuiria um aporte comum de informações recentemente relatadas e testemunhadas, “agiria como uma forma de controle sobre a saga em termos da veracidade de sua representação” (HERMANN, 2006, p. 378, tradução nossa)<sup>8</sup>. De forma oposta, as sagas lendárias, ou as sagas voltadas ao passado de forma geral, não possibilitariam que o público funcionasse como testemunha das histórias que ouvia, “uma circunstância que visava deixar mais espaço para a fantasia produtiva de um autor” (HERMANN, 2006, p. 379, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Alexander Bugge (1909), cita pesquisadores como Richard Heizel, o primeiro a tentar uma investigação científica acerca da essência da saga, chamando esse gênero de “romance histórico (*historical novel*)”, e Finnur Jonsson, estudioso da história da literatura islandesa, que constantemente enfatizava o valor histórico das sagas. Bugge, no entanto, deixa bem claro que algumas sagas são mais históricas do que as outras, e defende que as sagas não são nem romances nem história, mas como o próprio nome *sogur* indica, são narrativas, “reproduções artísticas da tradição” (1909, p. 261, tradução nossa)<sup>10</sup>. Assim, o histórico e o ficcional estariam misturados dentro das sagas, tendo em vista que a maioria desses textos escritos a partir do século XII narra um passado bastante anterior a esse período:

Uma saga como a de *Gunnlaugs saga ormstungu*, por sua estrutura unificada, está muito próxima do romance histórico. O que as sagas contam dos ancestrais noruegueses e de seus heróis é, via de regra, não-histórico. Quando a ação ocorre em terras estrangeiras, geralmente é uma invenção. A vestimenta e as armas nas sagas pertencem ao final do século XII. Sigurbr Syr, ao receber seu enteado, Santo Olaf, está vestido como um cavaleiro da época de Snorri<sup>11</sup>. O líder Arinbjorn presenteou o poeta Egil Skallagrimsson com um terno

---

<sup>8</sup> “[...] would act as a form of control on the saga in terms of the truthfulness of its representation”. (HERMANN, 2006, p. 378)

<sup>9</sup> “[...] a circumstance that is meant to leave more room for the productive fantasy of an author”. (HERMANN, 2006, p. 379)

<sup>10</sup> “[...] artistic reproductions of tradition”. (1909, p. 261)

<sup>11</sup> Refere-se a Snorri Sturluson (1179-1241), um dos únicos nomes conhecidos de autores dos textos literários medievais islandeses. *Snorra Edda* (Edda em Prosa) é de sua autoria.

completo de tecido inglês e deu-lhe mangas de seda longas e elaboradas para serem fechadas ao casaco com botões dourados, e isso por volta do ano 950, quando não existia a indústria de tecidos inglesa. Egil expressa seu agradecimento por essas mangas, em um verso. Essa moda, como explica Alwin Schultz, não foi introduzida antes da segunda metade do século XI. (BUGGE, 1909, p. 260-261, tradução nossa)<sup>12</sup>

Talvez por isso, que para Joseph Harris (1986), a saga não seria diretamente a ficção histórica “medieval”, mas funcionaria como uma espécie de ficção histórica, ou mais propriamente, como um gênero que anteciparia o romance histórico. O pesquisador assinala no início de seu texto a importância da escolha do título “*Saga as historical novel*” (saga como romance histórico) e não “*Saga is historical novel*” (saga é romance histórico). Harris aponta para as características da saga que ofereceram modelos para Sir Walter Scott e outros criadores do romance histórico moderno:

[...] entre as possíveis lições que o romance histórico poderia aprender com a saga, podemos notar: como correlacionar um enredo privado com a História, como envolver indivíduos particulares com o significado histórico, como efetuar a mimese da história nas genealogias e eventos de um enredo e como cultivar a objetividade e a reivindicação de algum tipo de verdade a despeito da história. (HARRIS, 1986, p. 218-219, tradução nossa)<sup>13</sup>

Como exemplo, o pesquisador apresenta a *Færeyinga Saga* (Saga dos Faroeses), uma saga de família que conta a história da colonização das Ilhas Faroê entre os anos 970 e 1040. Por meio de diversos discursos dos

---

<sup>12</sup> A saga like that of Gunnlaug Snakes-tongue, because of its unified structure, stands very close to the historical romance. What the sagas tell of the Norwegian ancestors of their heroes is, as a rule, unhistorical. Where the action takes place in foreign lands it is generally an invention. Dress and weapons in the sagas belong to the end of the twelfth century. Sigurbr Syr, when he receives his stepson, St. Olaf, is dressed as a knight of the time of Snorre. The chieftain Arinbjorn presents to the poet Egil Skallagrimsson a complete suit of English cloth and gives him long, elaborate silk sleeves to be fastened to the coat with golden buttons, and this about the year 950 when no English cloth-industry existed. Egil expresses his thanks for these sleeves, in a verse. This fashion, as Alwin Schultz explains, was not introduced before the second half of the eleventh century. (BUGGE, 1909, p. 260-261)

<sup>13</sup> [...] among the possible lessons the historical novel might learn from the saga we might note: how to correlate a private plot with history, how to invest private individuals with historical significance, how to effect mimesis of history in genealogy and events of a plot, and how to cultivate objectivity and a claim to some kind of truth in the face of history. (HARRIS, 1986, p. 218-219)

personagens é possível “estabelecer não apenas uma conexão direta, mas uma espécie de relação tipológica entre o herói da ficção privada e o ‘personagem histórico mundial’ do rei Olaf” (HARRIS, 1986, p. 207, tradução nossa)<sup>14</sup>. De acordo com Harris, a fala de Olaf parece totalmente influenciada pelo espírito da história como repetição contínua: a vida de Sigmundr recapitulou a sua própria e continuará, como diz o personagem histórico, Olaf, "pelo meu exemplo".

Outra aproximação que podemos fazer da saga com o *novel* tem a ver com o contexto histórico das pesquisas acadêmicas sobre esse gênero medieval. De acordo com Margaret Ross (2002), os leitores e estudiosos da literatura islandesa dos séculos XIX e XX atribuíram maior importância à ficção realista. A pesquisadora explica que, devido à predominância do *novel* como forma literária nesses dois séculos, tais pesquisadores ignoraram as dimensões não realistas da literatura das sagas, argumentando que muitos dos aspectos realistas das sagas, “como a menção a indivíduos específicos e suas árvores genealógicas, descrições da paisagem e relatos de como os lugares ganharam seus nomes servem como garantia e ponto focal a partir do qual uma narrativa ficcional pode se desenvolver” (ROSS, 2002, p. 446, tradução nossa)<sup>15</sup>.

Contudo, assim como o tipo de escrita realista, mais característico das sagas de família, sagas contemporâneas e sagas de bispos, pode apenas estar persuadindo o leitor mas não estar apresentando eventos verdadeiros, ou que realmente aconteceram, a escrita de caráter fantástico pode sobrepor elementos realistas e sobrenaturais. Ou seja, assim como Ross argumenta em seu artigo “*Realism and the Fantastic in the Old Icelandic Sagas*” (2002), é “perfeitamente possível usar algumas figuras de linguagem que envolvem exagero e distorção da realidade, o que é característico do modo fantástico, para transmitir a verdade de uma situação existente ou passada” (p. 448, tradução nossa)<sup>16</sup>. A pesquisadora observa que a fantasia frequentemente acontece nas sagas quando há certa incerteza acerca da natureza da realidade, quando há subversão das normas sociais, ou quando o autor-narrador precisa

---

<sup>14</sup> “[...] to establish not only a direct connection but a kind of typological relation between the hero of the private fiction and the “world-historical character” of King Óláfr” (HARRIS, 1986, p. 207).

<sup>15</sup> “[...] such as the mention of specific individuals and their family trees, descriptions of the landscape, and accounts of how places got their names, serve as the guarantee and focal point from which a fictional narrative can develop”. (ROSS, 2002, p. 446)

<sup>16</sup> “[...] perfectly possible to use some of the literary tropes that involve exaggeration or distortion of reality, which is one of the characteristics of the fantastic mode, to convey the truth of an existing or past situation”. (ROSS, 2002, p. 448)

explicar a razão de tais ações terem acontecido ou tais personagens terem agido de tal forma.

Outrossim, precisamos considerar que, diferentemente da nossa sociedade moderna, a sociedade islandesa medieval, pelo menos no momento em que as narrativas das sagas eram conhecidas apenas por meio da oralidade, possivelmente estava mais propensa a acreditar que os fenômenos sobrenaturais eram reais e agiam, como explica Ross, sobre o mundo material. Além disso, como acontece nos dias atuais, “havia diferenças de opinião entre os islandeses medievais sobre a realidade ou não dos heróis ancestrais, *berserks*, *trolls*, gigantes e assim por diante” (ROSS, 2002, p. 449, tradução nossa)<sup>17</sup>. Pois já diria um romancista, Henry James, que “a humanidade é imensa e a realidade tem uma miríade de formas” (2017, p. 37).

Não há como supor, portanto, que havia uma distinção concreta entre verdade, ficção e mentira para o público islandês da época em que as sagas foram produzidas. Além disso, independente de algumas sagas serem mais realistas e históricas e outras mais fantasiosas, há uma fusão de elementos em grande parte de seus textos que dificulta a possível aproximação que fizemos inicialmente de alguns grupos de sagas com os *romances* e outros com os *novels*. Enquanto pesquisadores, ou críticos literários, do mundo moderno, até ousamos fazer uma tímida tentativa. Demonstramos, assim, algumas razões dessa inviabilidade. Isso nos mostra que as sagas são sagas, simplesmente, e não a obra recuperável de um autor, como é o caso de um escritor moderno de *novel*, nem “o registro do escriba de uma composição oral transmitida inalterada através das gerações” (CORMACK, 2007, p. 202, tradução nossa)<sup>18</sup>. É um gênero único, uma obra de arte única, que merece e demanda mais estudos dentro do campo literário.

Alexander Bugge defende que, apesar de a saga apresentar concepções de honra e dever que diferem da nossa forma de ver o mundo na contemporaneidade, sua arte é moderna e realista, pois “seus homens e mulheres estão diante de nós como se estivessem em carne e osso, visto que amam e odeiam, enquanto vivem e morrem [...], [suas] palavras que pronunciam, curtas, contundentes, afiadas como uma espada, cheias de

---

<sup>17</sup> “[...] as in our own society, there were differences of opinion among medieval Icelanders about the reality or otherwise of ancestral heroes, berserks, trolls, giants and so forth”. (ROSS, 2002, p. 449)

<sup>18</sup> “[...] nor yet a scribal recording of an oral composition passed down unchanged through the generations”. (CORMACK, 2007, p. 202)

humor enérgico” (BUGGE, 1909, p. 249, tradução nossa)<sup>19</sup>. E assim, podemos concordar com a defesa de Henry James de que a arte “compete com a vida” (2017, p. 30), pois a saga, essa forma artística de mais de 800 anos, tem mostrado que a sua rivalidade com a vida, constituída em tempos muito remotos, permanece como uma grande problemática dos debates da historiografia até os dias atuais.

## REFERÊNCIAS

BUGGE, A. The origin and credibility of the Icelandic Saga. *The American Historical Review*, v. 14, n. 2, jan., 1909. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1832657>> Acesso em: 24/mar./2021

CAMPOS, L. Literatura e mito na Escandinávia Medieval. Aspectos da mulher guerreira na Saga de Hervör. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13066>> Acesso em: 24/mar./2021

CORMACK, M. Fact and fiction in the Icelandic Sagas. *History Compass*, v. 5, n. 1, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1478-0542.2006.00363.x>> Acesso em: 28/mai./2021

GALLAGHER, C. Ficção. In: MORETTI, F. (Org.). *A cultura do romance*. São Paulo: CosacNaify, 2009, p. 629-658.

HARRIS, J. Saga as Historical Novel. In: LINDOW, J.; LÖNNROTH, L.; WEBER, G. W. *Structure and meaning in Old Norse Literature*. New Approaches to Textual Analysis and Literary Criticism. Odense University Press, 1986, p. 187-219

HERMANN, P. The Icelandic Sagas and the Real: Realism in *Þorláks saga*. In: The Saga Conference, 13<sup>th</sup>, 2006, Durham/York. *The Fantastic in Old Norse-Icelandic Literature Sagas and the British Isles*: Preprint Papers of the 13th International Saga Conference. Durham: Centre for Medieval and Renaissance Studies, 2006. Disponível em: <[http://www.sagaconference.org/SC13/SC13\\_HermannP.pdf](http://www.sagaconference.org/SC13/SC13_HermannP.pdf)> Acesso em: 12/abr./2021

---

<sup>19</sup> “[i]ts men and women stand before us as if in flesh and blood, as they love and hate, as they live and die [...] [their] words they utter, curt, blunt, sharp as a sword, full of pithy humor”. (BUGGE, 1909, p. 249)

JAMES, H. A arte da ficção. In: BEDRAN, Marina (org.) *A aventura do estilo. Ensaios e correspondência de Henry James e Robert Louis Stevenson*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017, p. 27-54

LANGER, J. História e sociedade nas sagas islandesas: perspectivas metodológicas. *Alétheia - Revista de estudos sobre Antigüidade e Medievo*, v. 1., jan/jul, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Aletheia/article/view/32>> Acesso em: 29/mar./2021

ROSS, M. C. Realism and the Fantastic in the Old Icelandic Sagas. *Scandinavian Studies*, v. 74, n. 4, 2002. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40920399>> Acesso em: 7/abr./2021.

ISABELLE MARIA SOARES é mestra em Letras, na área de concentração em Interfaces entre Língua e Literatura, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO - Guarapuava, Paraná), especialista em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP - Jacarezinho, Paraná) e licenciada com Dupla Diplomação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR - Pato Branco, Paraná) e em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Universidade do Minho (UMinho - Braga, Portugal), com bolsa do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI 2013-2015) fomentada pela CAPES. É membro do Grupo de Estudos Ecocríticos (GEco) e do grupo de pesquisa Desdobramentos: arte, estética, tempo (UNICENTRO). Atualmente, é Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR - Curitiba, Paraná) com bolsa CAPES/PROEX. Dentre suas publicações está o artigo "Religiosidades em 'A canção dos Nibelungos' e a 'Saga dos Volsungos': cristianismo e paganismo no mundo germânico" (2017).